

Avanços no diagnóstico e no tratamento da surdez progressiva

A audição é um dos sentidos essenciais para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social do ser humano. A perda auditiva é um problema sensorial não visível que ocasiona dificuldades na recepção, percepção e reconhecimento dos sons e pode ocorrer em diferentes graus e afetar uma ou as duas orelhas.

Há casos de surdez progressiva por fatores hereditários que afetam o estribo – um pequeno osso da parte interna da orelha – e podem levar à otosclerose.

Muitas vezes, a única solução para o problema é a realização do implante coclear. Em ambientes ruidosos ou em situações adversas, as condições de audição se alteram. Os ruídos competitivos afetam quem tem perda auditiva. Adultos com perda auditiva frequentemente se queixam da dificuldade de compreender a fala nessas situações.

“Pacientes com perdas neurossensoriais apresentam maiores dificuldades do que o ouvinte normal para entender a fala no ruído, pois o ruído mascara as vogais sobre as consoantes”, explica a fonoaudióloga Thais Melo Seksenian na dissertação de

mestrado *Reconhecimento de fala no ruído em adultos com perda auditiva unilateral*, defendida dentro do programa de pós-graduação em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp.

A pesquisa foi composta por 24 sujeitos com perda auditiva neurossensorial unilateral de grau severo a profundo, sendo oito do sexo masculino, com faixa etária entre 37 a 58 anos de idade e 16 do sexo feminino, com faixa etária entre 21 a 57 anos de idade. A orientação foi da professora e coordenadora do curso de graduação em Fonoaudiologia da FCM, Christiane Marques do Couto.

A coleta de dados foi realizada no Ambulatório de Otorrinolaringologia do Hospital de Clínicas da Unicamp e os testes foram realizados no Departamento de Desenvolvimento Humano e Reabilitação do Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação (Cepre).

A audição é um processo binaural. O cérebro, por meio da comparação das duas entradas auditivas, pode resolver complexidades acústicas, determinar a direção do som e aperfeiçoar um sinal relevante na presença de outros sons ou ruídos.

Quando o ruído é apresentado frontalmente, junto à fala, atinge ambas as orelhas simultaneamente. No entanto, quando é apresentado à direita ou à esquerda, atinge a orelha contrária com diferenças interaurais de tempo e de intensidade, fazendo que esta orelha seja menos prejudicada pela presença do ruído

competitivo, criando uma condição de escuta mais favorável.

A pesquisa evidenciou que sujeitos com perda auditiva na orelha esquerda apresentam pior desempenho no reconhecimento de fala no silêncio, se comparados com sujeitos com perda auditiva na orelha direita.

“A comparação entre as condições avaliadas mostrou que não há interferência da orelha comprometida quando o ruído foi apresentado frontalmente. O mesmo não acontece quando a apresentação do ruído é lateral, sendo que há melhor desempenho no reconhecimento de fala no ruído quando o ruído localiza-se do lado da perda”, revela a fonoaudióloga.

O avanço tecnológico dos dispositivos do implante coclear e o

acúmulo de experiência fizeram com que aumentassem o número de indicações desta cirurgia para doenças relacionadas à perda auditiva, dentre elas a otosclerose. Os sintomas da otosclerose são zumbido, tontura e, principalmente, perda auditiva que pode ser desde perda leve condutiva até perda neurossensorial profunda.

Com a pesquisa *Resultados do implante coclear em pacientes com otosclerose avançada*, a médica Angela Rúbia Oliveira Silveira buscou avaliar os resultados do tratamento cirúrgico de implante coclear para pacientes com perda auditiva profunda bilateral que não obtiveram benefícios no tratamento com medicamento, aparelhos de amplificação sonora ou na cirurgia de estapedotomia - microcirurgia que substitui um dos estribos do ouvido por uma prótese.

Foram analisados os prontuários médicos de todos os pacientes adultos submetidos ao tratamento por implante coclear do Ambulatório de Otologia da disciplina de Otorrinolaringologia do Hospital das Clínicas da Unicamp no período de 2002 a 2009. Para a pesquisa, foram selecionados 17 pacientes com otosclerose que receberam a mesma marca de implante e 36 pacientes com outros tipos de perda auditiva.

“Todos os pacientes com otosclerose apresentaram neoformação óssea. Em dez pacientes havia ossificação da janela redonda e em sete havia ossificação da rampa timpânica. A inserção dos eletrodos foi completa em todos os pacientes, exceto em um paciente.

Todos usaram programação ACE e processadores diversos”, revela.

A programação do implante coclear é muito dinâmica, exigindo avaliações constantes e consultas programadas com o audiologista. Pacientes com otosclerose submetidos a tratamento com implante coclear apresentam bons resultados auditivos mesmo após cinco anos após a implantação.

De acordo com a pesquisa, coordenada pelo professor do Departamento de Otorrinolaringologia da FCM Agrício Nubiato Crespo, quatro pacientes com otosclerose tiveram seus eletrodos desligados para diminuir o estímulo do nervo facial e quatro experimentaram desconforto na garganta. A média do tempo de surdez foi de oito anos no grupo da otosclerose contra cinco anos do grupo controle.

A pesquisa também apontou que pacientes com otosclerose e pacientes com surdez por outras causas, tratados com implante coclear, não apresentaram diferenças nos testes de fala no primeiro, terceiro e quinto anos pós-operatórios.

“Pacientes com otosclerose submetidos a tratamento com implante coclear apresentaram bons resultados auditivos, a despeito do maior número de complicações como estímulo do nervo facial. Houve grande benefício auditivo com poucas complicações cirúrgicas e pouca dificuldade de programação do equipamento”, revela Angela. 🏠

Dissertação: Reconhecimento de fala no ruído em adultos com perda auditiva unilateral

Autora: Thais Melo Seksenian

Orientadora: Christiane Marques do Couto

Área: Pós-Graduação em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação

Tese: Resultados do implante coclear em pacientes com otosclerose avançada

Autora: Angela Rúbia Oliveira Silveira

Orientador: Agrício Nubiato Crespo

Área: Pós-Graduação em Otorrinolaringologia

Texto: Edimilson Montalti

Assessoria de Relações Públicas e Imprensa, FCM, Unicamp